

A DEFEEZA

Orgão do Partido Republicano Liberal

DIRECTOR—DR. João Baptista Nunes da Silva

Editor—José Plácido d'Oliveira Ramos

ADMINISTRADORES:—Manoel Alves Correia
Jonquim Correia Dias

Redacção e Administração—Rua Antero de Quental, N.º 18

Assignatura

Continente e ilhas adjacentes, semestre... \$75
« « « ano..... 1\$50
Africa e Brazil « 3\$00

PROPRIEDADE DA EMPRESA

Composto e impresso na Tip. «Ovarense», Rua Elias Garcia, N.º 132—Ovar

Anuncios

Primeira publicação, \$6 centavos a linha. Repetições \$4 centavos. Permanentes, contracto especial. Os srs. assinantes teem 25 p. c. de desconto.

A minha defesa perante o publico

Prometi no ultimo numero deste jornal elucidar o publico sobre algumas passagens da carta do Dr. Pedro Chaves, e no cumprimento dessa promessa aqui estou para expôr a verdade sem sofismas nem *espertezas* que, deturpando-a, deem origem a falsos juizos. Nesta questão, na qual nenhuma interferencia tive, fui visado como insinuações maldosas que urge repelir perante o publico, e para o fazer não preciso de olhar o homem que m'as fez, certo de que a minha defesa será a sua confusão. Lê-se na carta do Dr. Pedro Chaves que durante o periodo da restauração monarchica «*eu exercia socegradamente a minha clinica em Ovar occupada pelos monarchicos*». Toda a gente sabe, com excepção daquele senhor, que a entrada das tropas monarchicas nesta vila me collocou entre a espada e a parede, pois que a essa data eu tinha ao meu cuidado de medico tres doentes operados e internados na minha residencia, dos quaes o ultimo no proprio dia da implantação da monarchia no Porto. O *socego* da minha clinica pode facilmente deprender-se da minha responsabilidade moral perante os meus operados e do meu brio de militar, embora na situação de reserva, que me chamava a defender a Republica.

E foi na anciedade destes dois deveres a cumprir que, abandonando por momentos os doentes, eu fui na noite de 20 de Janeiro de 1919 entregar no comando militar desta vila o seguinte officio:

Ao Snr. Comandante do 3.º Bat. d'Infant. n.º 24.

João Baptista Nunes da Silva, tenente-medico na situação de reserva, declara que está á ordem do patriotico bat. que V. Ex.ª comanda, para defesa da Republica.

Ovar, 20 de Janeiro de 1919.

J. Baptista Nunes da Silva
Tent.-Med.

Do meu *socego* podem ainda dizer, entre outros, os srs. Antonio Valente d'Almeida e Manuel Augusto Nunes Branco de quem recebi as edificantes cartas que transcrevo.

Meu presado Antonio Valente

Tendo o Dr. Pedro Chaves alludido, numa carta que trouxe a publico, ao meu *socego* durante

o tempo em que esta vila esteve sob o dominio monarchico, venho pedir-te que me digas se tens conhecimento dalgum facto que prove que a minha tranquilidade não era tanta como das palavras daquele senhor se pode inferir. Concede-me licença para tornar publico o teu testemunho, e conlia na estima e admiração do

Amigo certo

Nunes da Silva.

Ovar, 26—2—20.

Meu presado amigo

Dias antes da investida das forças leaes ao vespeiro monarchico de Estarreja procuraste-me para me informar da tua deliberação de sair para Aveiro, pelos meios clandestinos que o permitissem, por não queres, sob condição alguma, dar serviços e prestança, profissionais, mesmo forçados, aos aventureiros de Couceiro, quando ahí apareceram uns editaes convocando os reservistas.

Naqueles dias o godo não era facil de praticar, e não era izento de riscos e grandes incomodos, mas a intervenção não ficou unicamente em palavras, aprazou-se irrevogavelmente para a madrugada de 11 de Fevereiro, e tudo se aprontou para isso.

Mas pela noite de 10 as noticias que se receberam do sul fizeram sobrestar no deliberado proposito, por desnecessario já, e tão fulminante foi o desfecho, que o homizio se transformava, e, ainda bem, na receção aos libertadores—os marinheiros e soldados da Republica.

Voluntariamente te preparavas a ir prestar na coluna de ataque das forças leaes os teus serviços profissionais, onde quer que a tivesses de ir encontrar; repelias absoluta e formalmente a circumstancia de teres de os prestar aos rebeldes, aceitando com decizão as consequencias resultantes, numa hora de incerteza semeada de ruins novas.

Estes os factos, de que tenho certo e directo conhecimento.

Abraça-te o teu amigo obrg.

Antonio Valente d'Almeida.
Ovar, 28—2—1920.

Meu caro Nunes Branco

Precisando do seu testemunho sobre a minha attitude antes da chegada das tropas monarchicas a esta vila, e durante a vigencia do regimen monarchico em Ovar, venho rogar-lhe o obsequio de dizer o que se lhe oferecer, tanto sobre o oferecimento que fiz ao 3.º bat. d'Inf. n.º 24, como sobre a apresentação dos reservistas, e bem assim autori-

sação de publicidade.

Amigo dedicado e grato
Nunes da Silva.
Ovar, 26—2—20.

Meu bom amigo

Em resposta á sua presada carta de 26 de fevereiro ultimo, é-me grato testemunhar, para reposição da verdade, os dois seguintes factos consigo occorridos, antes da entrada das tropas monarchicas em Ovar e quando da occupação desta por aquelas.

No dia 20 de janeiro de 1919, seguinte ao da restauração monarchica no Porto, declarou o meu amigo a mim e ao Manoel Matos, que nos achavamos em sua casa nessa ocasião, que ia como tenente medico republicano, oferecer os seus serviços ao 3.º batalhão do 24 e que o fazia por escrito. Escreveu, efectivamente, na nossa presença, uma carta, contendo esse oferecimento, ao comandante d'aquella unidade e, a seu convite, o acompanhamos, eu e o Matos, cêrca da meia noite, até ao Largo Dr. Francisco Zagalo. Entrou no quartel e, um quarto de hora depois, saindo, dirigiu-se-nos, dizendo que o comandante não estava por ter seguido pouco antes com o batalhão para Aveiro, mas não obstante isso que o seu oferecimento ficava entregue ao sr. tenente Oliveira, que estava n'esse momento com o comando do quartel.

A proposito devo dizer que na quarta-feira seguinte, 22 de janeiro, estando á noite no quartel, ali vi num gabinete, sobre a secretária, a sua carta em que fez o oferecimento.

O outro foi no dia 10 de fevereiro do ano passado. Chamando-me a sua casa, perguntou-me o que havia sobre a apresentação dos reservistas. Informei-o de que um edital intimava todos os reservistas residentes no concelho a fazerem a sua apresentação na administração. Logo o meu amigo, com decizão, me disse que, na sua qualidade de official do exercito reformado era atingido por essa intimação, mas que se recusaria a prestar qualquer especie de serviço á monarchia e que por isso se retirava immediatamente para Aveiro. Como eu, tambem reservista, era abrangido pela ordem, ficou entre nós combinado o nosso exodo para Aveiro no dia immediato, ao que se associou igualmente Antonio Valente.

Felizmente a retirada não se realizou por nesse dia de manhã nos chegarem noticias seguras de que a fraudulagem couceirista fóra batida em Estarreja e que as tropas libertadoras da Republica estariam em breve em Ovar, como assim aconteceu.

Podendo desta fazer o uso que quizer, creia-me

Amigo certo e obg.

Manuel Augusto Nunes Branco.
Ovar, 3—3—1920.

Escuso de comentarios e palavras vãs. Ajuize o pu-

blico da cruel insinuação que me foi feita.

Outro ponto da carta do Dr. Pedro Chaves que me merece reparo é o que transcrevo:

«Na prática, o sr. dr. Nunes da Silva entrou pela mão dum partido de republicanismo muito suspeito, por ele trabalhou para agradar aos monarchicos e agora com estes trabalha contra republicanos. Dirige um jornal cuja principal colaboração é de integralistas e monarchicos, cuja redacção defende os jesuitas e transcreve do «Times» o que é, além de mentiroso, desagradavel á Republica e á Pátria, sem se lembrar que assim atinge o antigo partido da guerra—o evolucionismo, hoje correligionario do sr. dr. Nunes da Silva.»

Pasma a gente que um homem como o Dr. Chaves, que positivamente não conhece apenas as letras gordas do alfabeto e com as responsabilidades que lhe adveem da sua posição no partido democratico, não tenha pejo de subscrever baboseiras deste teor! Porque não hão-de os homens que enchem a boca com dignidades e honras, que se dizem *arbitros* da justiça e que teem o *exclusivo* dum patriotismo *rafiné*, ser sinceros ao menos uma vez, e confessar, então, que o que lhes doe, é ter-se organizado nesta terra um outro partido republicano—o partido republicano liberal—que, nem pelo facto de o ser, e exactamente porque o é, entendeu não dever seguir o trilho democratico? Porque o direito das gentes é qualquer coisa de mais importante que as conveniencias duma seita; porque aos feudos doutroza se succederam regalias e liberdades cuja equidade a lei regula e é preciso sejam respeitadas; porque a Republica se afoga e com ela a Pátria e é necessario salva-las *quand meme*, e daqui proveio a necessidade patriótica da constituição deste partido que todos, e eles mesmos, reconheceram, vá de chamar-lhe *monarchico*, feito com *reacionarios* e *jesuitas*, e toda essa chusma de chavões ignobeis que eles lançam e exploram, saloicamente vencidos de que o publico ainda os acredita como se já dez anos da mesma aria—dez tristes e malfadados anos em que tanto sonho de felicidade se desfez, e o erario publico tem gemido ao peso de tanto *patriotismo*!—não fossem bastantes para lhe fazer abrir os olhos e fechar os ouvidos a cantatas.

Diga-me o publico se já encontrou alguma vez na pequena coleção deste jornal uma só linha onde o espirito republicano fosse atraído; uma só onde a defesa

dos jesuitas fosse tomada! Se neste jornal ha colaboradores efectivos que não profesam ideias republicanas, numa legitima liberdade de consciencia que a constituição da nossa Republica lhes garante, consolou-me sempre verificar que nunca os seus escriptos saíram fóra das normas republicanas deste jornal, sem que para isso eu tivesse de lhes suggestionar quaesquer ideias ou arrancar uma adesão ficticia. Tal maneira de proceder captiva-me pela hombridade que denota. É porque a proposito duma afirmação feita na «Patria» pelo Dr. Almeida e Medeiros, que visava o illustre homem publico que é o sr. Dr. Egas Moniz, eu escrevesse umas locaes, sendo uma delas intitulada «O que é preciso», e a polvilhasse duma ligeira ironia em que dizia que «os jesuitas não morreram todos nos subterraneos do convento do Quelhas»—diga o publico se ha o direito de se insinuar que este jornal é monarchico e defende os jesuitas? Sempre intolerantes, confundem velhacamente sob o mesmo rotulo *todos* os seus adversarios políticos, quer sejam monarchicos, quer republicanos. Confundem-os para fazer realçar as cores vivas com que pintaram o seu cartaz: **O exclusivo do bom republicanismo pertence ao partido democratico.**

Agora, ao caso das prisões.

Demasiado se tem escrito já sobre este assunto, procurando a «Patria» enreda-lo e complica-lo á *confrance*. Na sua furia de afirmar que mentimos, di-lo em 3 partes a que a carta que adiante inserimos dá resposta.

E' preciso não deturpar a questão com habilidades jornalisticas de velha raposa que a «Patria» usa, pois que nós, que somos novos e inexperientes, não sabemos discutir nesse campo e só usamos a linguagem leal e da verdade. *Não mentimos.*

Primeiro que tudo: dirijimo-nos no nosso 1.º artigo sobre o assumpto ao ex-administrador—Dr. Alberto Tavares—e S. Ex.ª respondeu-nos em outro artigo que assignou. Depois disso passou a «Patria» a tomar a sua defesa, mas nós ignoramos absolutamente se o sr. Dr. Tavares *lhe passou para isso procuração*. Temos por habito não discutir com anónimos, e se é certo que os artigos não assignados são da responsabilidade do editor, não sabemos a que proposito vem a interferencia do sr. A. de Sousa Campos nesta questão. Mas, seja como for, e visto que o sr. dr.

Tavares se meteu em copas —(pois que afinal parece que só veio a publico para dizer que não mantinha relações pessoais comnosco, e que usámos para com ele da tal arma traiçoeira e vil que apesar das alviçasas que neste jornal oferecemos ninguem conseguiu encontrar!) —nós, embora não reconhecendo a «Patria» o direito duma resposta, mórmente quando o faça nos termos em que se nos dirige, vamos liquidar este assumpto perante o publico.

Dissemos que a questão foi deturpada. Veja-se:

1.º—Não dissemos que fosse o então administrador de Ovar quem ordenou as prisões. O que dissemos no nosso primeiro artigo, resumimo-lo no segundo assim:

«perguntámos ao sr. administrador do concelho, dr. A. Tavares, se tinha pedido para o Porto a prisão do nosso correligionario Alves Correia, e responsabilizavamos-lo pela prisão do nosso correligionario Manoel Joaquim.» A «Patria», se sabe lèr, saberá tambem que do que dissemos ao que nos atribue vae distancia.

E não estamos no direito de responsabilisar o sr. administrador enquanto ele não disser em quem abdicou da autoridade que só a si pertencia? É factio que se conhecia no Aljube a identidade de Manoel Joaquim. Quem a forneceu? Enquanto o sr. dr. Tavares o não disser, são suas as responsabilidades. O officio que ele publicou nada prova, e sua Ex.^a ainda não explicou as contradicções que ha, e nós apontámos, entre esse officio e a liberdade de Alves Correia que dependia das informações pedidas e que tão facilmente puderam ser dispensadas. E as informações, é verdade, foram pedidas já depois da sua libertação.

2.º—Diz a «Patria» que afirmamos que alguém então em Ovar tinha interesse na prisão.

3.º—E diz ainda que afirmamos que Manuel Joaquim era nosso correligionario.

Para melhor elucidação do publico começamos por transcrever a seguinte carta:

Ex.^{mo} Sr. Dr. Nunes da Silva

e meu presadissimo amigo Tendo empenho V. Ex.^a em que eu dê explicações que se tornem publicas sobre a questão da minha prisão, e chamando-me a atenção para uma local «Reincidentes», venho sem tergiversações satisfazer essa vontade, expondo as que julgo sufficientes e desejando sobremaneira que o estado moral de V. Ex.^a sinta o alivio de que é digno e merecedor pelas nobres qualidades de caracter que o adornam:

No 1.º caso—V. Ex.^a não mente se disser que foi a autoridade d'então que ordenou a minha prisão no Porto, enquanto essa já não autoridade não disser quem foi, conforme lhe indiquei.

Tinha por obrigação ordenar-la sob pena de merecer a critica d'autoridade pouco cuidada.

No 2.º caso—Não mente se disser que em Ovar alguém tinha interesse na minha prisão, pois esse alguém, tendo-me feito criminoso politico (sem provas e sem motivos) era fatalmente quem queria a minha prisão. E, eu tambem a querendo depois que a situação politica se modificou um todo nada, vinham a ser eu e esse alguém que a queríamos.

E no 3.º não mente afirmando que era seu correligionario, pois fui-o e isso comprehendea o

ex-administrador sr. Vasconcelos quando num cartão me felicitou. Mas esse pacto que tive com V. Ex.^a considere-o rasgado após tantos desgostos e perseguições por que passei e dei a minha primeira voz de repulsa quando no Aljube fui perguntado sobre que norma de politica seguia: Sou monarchico—nem outra coisa podia ser em frente da traição que o regimen republicano nas pessoas dos mandantes da minha terra me urdiram. Nunca tivemos explicações a este respeito, porque ao fazer essa declaração estava preso e V. Ex.^a em Lisboa; vim a Ovar e V. Ex.^a continuava na capital, e, quando veio, estava eu ausente conforme prometi á autoridade d'então, e não tinhamos pressa de taes explicações; mas sirva esta occasião para V. Ex.^a dar conhecimento em publico deste facto, e se algum dia precisar de mim para eleições ou cousa que o valha e as leis permitam a qualquer a liberdade de voto, e a norma politica de V. Ex.^a seja neste regimen a que tem seguido, tem o meu voto ao seu dispôr, mais algum que eu possa conseguir e todo o meu esforço.

V. Ex.^a refere-se a documentos que na mesma local vêm numerados: Eu nunca passei documentos a ninguem para responderem por mim. Devem referirse ás minhas declarações por escrito no Aljube e ás verbais na administração deste concelho.

Sou com toda a estima

De V. Ex.^a

amigo, at.^o ded.^{mo}

Manuel Joaquim Rodrigues.

Ovar, 24—2—920.

Vamos lá agora nós. Primeiro que tudo nunca afirmamos que alguém d'Ovar tivesse interesse na prisão de Manuel Joaquim. Nos numeros quatro e cinco da coleção do nosso jornal poderá o publico ver o que escrevemos sobre «prisões». Quando muito pode deprehender-se. E isso justificamo-lo pelo seguinte:

—Nas vespéras do ultimo acto eleitoral, em Maio de 1919, o nosso amigo Manuel Joaquim Rodrigues foi chamado á administração do concelho pelo ex-administrador Alferes Vasconcelos, e por este senhor lhe foi dito que seria bom não entrar na luta eleitoral, pois que ele devia saber que havia na administração umas cousas sobre a sua attitude durante a occupação desta vila pelas tropas monarchicas. Manuel Joaquim entendeu não dever seguir a indicação do então administrador, e foi ao acto eleitoral, tendo até fiscalizado uma das mesas, pois que a sua situação já de republicano lhe dava esse direito. Dias depois, de novo chamado á presença do sr. administrador, este lhe deu voz de prisão, conseguindo ele a pretexto de qualquer cousa tornar-se um foragido politico.

Diga-nos o publico se depois deste episodio não ha o direito de supôr que as autoridades d'Ovar tivessem interesse na prisão. E tanto mais que para a sua captura foram ordenadas varias buscas pelos locais onde era subido ele, e outros, permanecerem. Que importa que Manuel Joaquim, depois, já cansado de andar a monte, sem poder cuidar dos interesses da sua casa, em luta com o depauperamento fisico que a sua vida errante lhe trouxe, convencido que o espirito de vingança—esse escalacho damninho que tanto mais alastra quanto mais árido é o terreno—longe de extinguir-se no animo dos que o perseguiram, antes re-

crudescia; que importa que Manuel Joaquim, então, e só então, tivesse interesse em terminar com essa intoleravel situação que phisica e moralmente o abatia, e para isso apparecesse a descoberto nos pontos mais movimentados (como a propria estação d'Ovar onde duma vez encontrou o sr. ex-administrador dr. Alberto Tavares), contentando-se em vêr quem era, na sua frase «o malandrim que lhe deitaria a mão»? Desta resolução não nos deu ele conhecimento. Mas agora perguntamos ao publico: como poderia Manuel Joaquim ser preso só por seu interesse se as autoridades não tinham empenho em o prender? E não é certo estarem elas bem informadas da sua identidade? Seja como for, o certo é que Manuel Joaquim foi preso e ninguem quer arcar com as responsabilidades dessa prisão. Foi preso juntamente com o leal, honrado e historico republicano Alves Correia. Sim, é preciso não esquecer. Alves Correia foi preso e ainda nenhuma satisfação foi dada do enxovalho e desgosto por que o fizeram passar. Bem maguado deve estar esse belo rapaz cuja delicadesa de sentimentos é pedra de toque da sua austeridade republicana, bem provada ha um ano quando pelas margens do Vouga serviu a Republica com a abnegação e a fè de quem defende um ideal sagrado. Bem triste deve estar por vêr tão mal comprehendido o lema da liberdade e da fraternidade que embalsamaram os seus sonhos generosos no tempo da propuganda. Porque se prendeu este homem? Por ser amigo e inseparavel companheiro de Manoel Joaquim? Será possivel, que gente de tão rasteiras preoccupações consiga acobertar-se sob a egide da Republica para cometer taes vilanias? Que direito houve de se prender este homem duma dedicação pela Republica só comparavel ao desrespeito com que muitos fingem patrioticamente servi-la?

Custa-nos mexer neste assumpto e estamos já quasi arrependidos de o ter feito por se nos ter assim deparado tão inesperadamente aos nossos olhos o *dessous* de toda esta engrenagem onde a consciencia da razão nada vale no embate com as conveniências da seita. Desola, enche de tristeza, e arrasta no retraimento e indiferença o constatar a falencia do caracter, a falta de hombridade para aguentar responsabilidades num campo onde quem atira a pedra esconde a mão. Pode-se dizer, duma maneira geral, que é assim hoje a baixa politica portuguesa. O caso das prisões de Manuel Joaquim e Alves Correia foi propositada e intencionalmente enredado para obrigar a desistir dos seus propositos quem procurou desinteressadamente obter luz sobre ele. Senão, veja-se: —[por que outra razão que não esta, se deturpa a verdade para vir a publico afirmar que mentiamos sobre tres pontos que ficam bem esclarecidos, e sobre os quaes o publico honesto e amigo da verdade já formou o seu juizo? A carta de Manuel Joaquim é a sua confissão. As insinuações que a «Patria» lançou não colhem, apesar da ameaça dos taes documentos. Que documentos? Quando defendemos Manuel Joaquim como nosso correligionario, fizemo-lo com a convicção que nos resultou

do conhecimento visual que temos (e comnosco mais alguns amigos) da correspondencia trocada entre ele e o ex-administrador Vasconcelos, e em que este o felicita pela sua adesão á Republica; fizemo-lo com a convicção que nos ficou da sua ação durante o periodo eleitoral, e todas as provas particular e publicamente dadas de simpatia pelo programa do nosso partido. Quando ele, aborrecido e descontente por vêr que não fôra perseguido pelo seu regosijo no tempo da restauração monarchica, mas só depois que fez o seu ingresso na Republica, se resolveu a voltar ás suas ideias primitivas, não no-lo participou. Declarou-se de novo monarchico pela primeira vez (ele mesmo o diz na sua carta) quando no Aljube foi interrogado, mas nunca nos deu conhecimento da sua mudança de ideias. Para que vir pois explorar com este ponto e ameaçar... com documentos? Que documentos? Documento é o que deixamos escripto, que é claro e não tem sofismas.

Documento é isto que assignamos, e do que tomamos responsabilidade.

Meteu-se a «Patria» alvarmente na questão sómente para afirmar que mentiamos. Quem devia falar, e se calou, aquele que nós interpellámos como autoridade e unico competente para esclarecer o assumpto—o dr. Alberto Tavares—esse, depois de escrever que estava «sempre prompto a acudir á chamada» resolveu meter-se em copas, naturalmente muito ancho do seu papel e convencido de que era a situação mais comoda. E' assim que aqueles que dizem servir com amor a Republica esclarecem as dificeis situações que eles proprios criam!

Porque a razão destas prisões permanece ainda atraz do silencio do sr. dr. Alberto Tavares, nós mais uma vez deixamos a questão no ponto onde ela ficou. E esse ponto—deixe-se a «Patria» de habilidades—é aquele em que o coloca o nosso segundo artigo:

«Que ideia formar de tudo isto?

Que o sr. administrador d'Ovar não foi conivente nas prisões? E' possivel.

Que não partiu daqui qualquer indicação para a captura de Manuel Joaquim, que ao nosso espirito se afigura premeditada?

E' cedo para concluir. A verdade, a verdadeira luz sobre o caso deve estar ainda na gaveta onde o sr. administrador guarda o precioso dossier, terrível livro branco que se conhecesse a luz da publicidade, talvez compromettesse a ordem e o socego da pacata familia varcinal... Não temos o menor empenho em incriminar o sr. administrador. Mas precisamos para nos convencermos da sua inculpabilidade, de documentos que provem e de afirmações com base. E S. Ex.^a ainda não afirmou nem provou que não tivesse partido d'Ovar a ordem para que essas prisões se effectuassem no Porto.

Somos nós que não podemos vêr?

Faça-se então mais luz sobre este ainda muito obscuro capitulo, para que a verdade surja nua e bela como a da estatua do Eça...»

Ao encetarmos esta questão fizemo-lo convencidos

de que prestavamos um serviço á Republica, pugnando pela justiça. Inteirados de que o nosso esforço é inutil quando tanta má vontade se obstina em nos destruir o proposito, pomos ponto na questão deixando ao publico—ao publico imparcial que quer vêr justiça e não conveniencia—o ajuizar desta questão.

Sendo-me materialmente impossivel, pela falta de espaço, levar ao conhecimento do publico as razões porque resolvemos deixar a direção deste jornal, confiamos em que o novo director nos conceda no proximo numero o espaço para o fazermos.

Nunes da Silva.

Pergunta-se

Diz a «Patria»:

«A soldadesca, na sua maior parte já ébria, porque um miseravel havia posto á sua disposição alguns cascos de vinho...»

Como quem deu vinho ás tropas monarchicas foram os srs. Antonio Brandão (o Luzio), José Ferreira Malaquias, estes cotados democraticos que assistiram ao ultimo banquete de confraternisação, e o sr. Afonso José Martins, politico independente, pergunta-se a qual destes tres conceituados negociantes da nossa praça se refere a «Patria»?

Xadrez

Extra-programa

Permitam-me os leitores um pequeno desvio ao rumo costumado desta minha secção.

A sinagoga, cuja sede aparente é na rua Eça de Queiroz—10—, resolveu votar-nos ao ostracismo... perpétuo, como unico meio de salvação para quem sente o peso da consciencia a dobrar-lhe a frente, e se vê incapaz de afrontar com a verdade. Não mais ligarão importancia a uma pseudo critica pedante e estulta; isto de pseudo critica pedante e estulta, meus caros leitores, é comigo.

Enterro a carapuça porque ela é elástica... amolda-se a todas as cabeças, mesmo porque vem já extremamente larga do muito serviço que os primitivos donos, agora generosos oferentes, com ella fizeram.

Vem-me á ideia responder-lhes daqui, á laia de alguém que a outro alguém respondeu um dia, numa mesa eleitoral: «basta que me liguem tanta importancia como a que eu lhes ligo a vossas». Porventura os senhores julgam que esta secção é escripta para...

Vossas Excelencias?

Ingenuidade santa!..

Eu não costumo descer

tanto da minha dignidade.

Sob a aparência de perguntas e insinuações dirigidas a... V. Ex.^{as}, está o fim único a que visso—mostrar ao povo, adormecido pelas vossas cantatas, quem vós sois, senhores amigos de Ovar, e pugnar pelos interesses da minha terra que estão muito longe de ser zelados como deverião ser.

Mais nada; conversa convosco, meus filhinhos, não a quero ter, unicamente porque ainda no meu character há alguma coisa que hoje muito falta por esse mundo—a dignidade.

E V. Ex.^{as} que, segundo dizem, me conhecem de sobra, bem sabem a razão destas minhas palavras.

Pois... fiquemos entendidos. Voltem todos lá para o seu cantinho que o seu desprêso até me enobrece.

..... e a caravana continuará a passar.

O que será

O maior de todos, na opinião do sr. Fidalgo, anuncia voltar para o... seu cantinho. Mas um cantinho para o maior de todos deve forçosamente ser um... cantão muito grande!

Algum belo nicho por aí arranjado à ultima hora.

Se calhar vai também para Paris... gozar a conferência da paz como o seu colega e amigo Barbosa de Magalhães.

Scena noturna

Nove horas.

Um estabelecimento que pelo letreiro parece pertencer a um homem de rabicho, da terra dos pés minúsculos e das unhas grandes.

—Scena I e...única...no género—

Uma individualidade das mais cotadas no partido democrático indígena, e que, além de outras coisas várias, é também regedor de uma freguezia e amanuense de uma câmara municipal

«rosto carregado e barba esquelida a boca e os olhos negros retoreem (do...»

lança pelo ar o seu braço indignado:

—Isto não pôde continuar assim! A Escola Primária Superior não passa de uma corja de... (aqui seguem-se uns substantivos e adjectivos que a boa educação é a moralidade pública não permitem reproduzir).

—Já de lá tirei as minhas filhas porque só andam ali a aprender... coisinhas.

Cá fóra, na rua, os

raros transeuntes param um instante, escutam, e mordem os lábios para se não rirem.

La no alto, a lua... pisca o ôlho.

Quem me avisa...

No n.º 615 da «Patria», pag. 1, coluna 4, linhas 35 a 45 inclusivé, vem alguma coisa que me abstenho de repetir para não sujar o papel, mas que excede tudo quanto se possa conceber como susceptível de publicação.

Ao sr. director, editor e proprietario (já me faz lembrar o homem dos sete instrumentos) do mesmo jornal aconselho, pois, a leitura do art. 10 do Decreto de 28 de outubro de 1910, com referencia ao art. 420, § único, do Código Penal.

Ora essa, não tem de quê; o conselho é gratis. Para amigos mãos rotas.

Jorge d'Aguilar.

EMPRAZAMENTO

Fica por este meio emprazado o auctor do **Aviso claro**, publicado no penultimo numero da «Patria», a aparecer, para que, exemplificando as suas obras de misericórdia, mostre a todos a sua valentia e ligue ao abaiço assinado a importancia de trocar com ele meia duzia de palavras. E' vergonhosa e vil a covardia daquele que se agacha atraz do capote dum velho inutil e cego para insultar os outros.

Ovar, 3—3—20.

P.^o Rogerio Garcia de Brito.

Orfeão de Espinho

Como haviam previamente anunciado, vieram até nós, no último domingo, os rapazes de Espinho trazer-nos a sensibilidade artistica das suas almas, nas cantigas do seu Orfeão.

Foram umas horas de bello canto que a todos nos deixou agradavelmente impressionados, e de que guardaremos por muito tempo uma deliciosa lembrança.

Eia um grupo de rapazes cantando, e, se há arte que estabeleça uma íntima e perfeita comunhão entre as almas, é ela a música.

O canto melodioso de uma mulher sempre comoveu o coração mais másculo; um fado em noites de luar fêz sempre vibrar a alma de uma joven.

Se a pintura, quando Vinci empunha o pincel, faz aflorar na serenidade das formas, na subtilidade dos matizes, na suavidade das curvas, a luz inquieta do pensamento, nessas telas admiráveis em que o mestre italiano pôs a expressão de toda a sua idolatria artistica, a música, quando um Mané ou um Benettó empunham o arco do violino, um Arroio ou um Joice regem um orfeão, é a arte que mais profundamente desvenda o mysterio da alma, interpretando com a maior fidelidade a alegria ou o sofrimento, o prazer ou a saudade.

A oração intensamente religiosa de um órgão, desdobrando-se pe-

lo concavo das ogivas de uma velha catedral, ou o canto festivo das moçoilas das nossas aldeias, nas estofadas ao luar de Agosto, e nas vindimas sob o sol de Setembro, são o eco do sentir da nossa alma, a tradução musical das modalidades do espirito humano; e, quando Shelley definiu a música como sendo «la clef d'argent qui ouvre la fontaine des pleurs», embora atendendo só ao lado sentimental, definiu no entanto, sob esse aspecto, rigorosamente a, para nós, mais divina das artes. E dizemos mais divina, porque ela produz uma das formas primas do Génio,—a Beleza,—e a Beleza é, sem dúvida, na frase de lord Henry, aquêlo interessante personagem do «Retrato de Dorian Gray» de Oscar Wilde,—a maravilha das maravilhas.

Compunha-se o programa de alguns números de canto coral e duas peças teatrais.

Em todos os numeros o grupo orfeónico, cujo conjunto de vozes nos pareceu de um equilibrio perfeito, se houve de modo a não desmerecer do nome de que vinha precedido. E, se referencias especiais houvessemos de fazer aos dois orfeonistas que cantaram solos, elas deveriam ser iguais para ambos, pois a verdade é que tanto um como o outro mostraram possuir uma bela voz; se a do Ferreirinha nos pareceu um pouco mais debil que a do Moreira, era no entanto de uma maior suavidade, talvez mesmo mais sentida.

A regência bastante exagerada. Do grupo scénico destacaremos Cassiano Marques e Joaquim Moreira; aquêle no papel de escrevente da engraçada comédia «Pouca Vergonha»... envergonharia muitos profissionais; e ambos disseram admiravelmente o diálogo do «1023» de Julio Dantas, que, como todos os diálogos em verso, requer uma perfeita dicção aliada a uma boa compreensão.

No final da peça de J. Dantas, quando o carteiro, fulminado por uma alegria súbita, cai moribundo no solo, queda magistralmente dada, grande parte do publico abriu a boca num rir idiota!

Triste ideia de nós havemos sempre de dar!

Fêz a apresentação do grupo orfeonista e scénico o nosso conterraneo e membro do mesmo orfeão sr. Alfredo Fonseca, em substituição do sr. dr. Sobreira que não pôde comparecer.



Fizeram anos:

No dia 1, a menina Maria-zinha, filha do sr. Antonio Valente Compadre.

No dia 5, o sr. Antonio Gonçalves Santiago.

Ontem, 6, o sr. José Augusto Pinto do Amaral, ausente no Pará.

Hoje a sr.^a D. Maria Emilia Barbosa de Quadros e Almeida, esposa do sr. Dr. José Antonio de Almeida.

As nossas felicitações.

Encontram-se quasi restabelecidos dos incomodos que por alguns dias os retiveram no leito os Mrs. Padre Manoel Lirio e Manoel Augusto Nunes Branco.

Noticiario

Dr. Nestor Granja

Retira hoje desta vila para Lourosa este nosso particular amigo, devendo seguir para Lisboa na proxima

segunda-feira. O Dr. Nestor Granja que em Ovar substituiu durante tres meses o Dr. Nunes da Silva na sua clinica, deixa por algum tempo esta terra com pesar de todos aqueles que conheciam a afabilidade do seu trato e a gentileza do seu porte médico. Muito novo ainda, tem sabido imprimir à sua profissão uma honestidade que o tornam credor da admiração dos colegas e da confiança dos doentes. Tão juvenil nos anos como na preocupação de sempre, e cada vez mais, dotar o seu espirito inteligente dos conhecimentos que dia a dia a sciencia médica oferece, é muito justo que o consideremos um clinico distinto onde quer que exerça o seu mister, e lhe agouremos um futuro digno do seu esforço superiormente educado.

Como seus amigos e admiradores sinceros apresentamos-lhe as nossas afetuossas e respeitaveis despedidas, fazendo os melhores votos para que a sua ausencia não constitua para nós, como para o povo d'Ovar, um prolongado sacrificio.

Partidas

Partiu para a Africa, como caixeiro viajante da fabrica de conservas desta vila a «Varina», o sr. Eduardo da Silva Gomes.

Chegadas

Vindo da Africa, para onde fóra com uma expedição a Angola, encontra-se já em Valega o alferes Albino Borges de Pinho.

Obras da Igreja

Segundo o nosso colega «João Semana» a subscrição para as obras a realizar com a nossa Igreja Matriz, atinjira no dia 29 de Fevereiro ultimo a quantia de um conto e cento quarenta e um escudos.

Pedido de casamento

Em Aveiro foi pedida em casamento a gentil filha do nosso conterraneo sr. capitão Belmiro E. Duarte Silva, a sr.^a D. Adelaide Duarte Silva, para o sr. Manoel Narciso Caseiro Alves, alferes de infantaria 24.

Cinema

Editadas pela casa «Invicta film L.^{as}» tem-se exhibido nas principais cidades do nosso paiz varias «fitas» portuguezas, que, escusado seria dizer, tem alcançado enorme exito pelo seu cunho verdadeiramente nacional. Entre ellas destaca-se a interessantissima comédia de Gervasio Lobato «O Comissario de Policia», uma verdadeira fabrica de gargalhada.

Pois é esta «fita» que brevemente os ovarenses terão ensejo de apreciar no salão «Olimpia» e que por certo fará encher-se por completo a casa, tanto mais que a

comedia é já conhecida dos frequentadores do nosso teatro.

Bastarão os nomes dos actores Carlos Santos, Duarte Silva, Maria de Oliveira e Etelvina Serra para recomendarem uma «visita» ao—Comissario de Policia.

Morte infeliz

Na vizinha praia do Furadouro deu-se no dia 26 de Fevereiro ultimo um desastre de que foi vitima Custodio Rodrigues, um dos muitos desgraçados que ás iras do mar procuram arrancar dia a dia o seu sustento.

Tripulando um barco, já sobre as vagas, recebeu de um remo partido uma violenta pancada sobre o estomago, que o deixou bastante magoad.

Vindo para esta vila, por conselho de um médico que julgava indispensavel uma operação imediata, recolheu ao hospital pelas 10 1/2 da manhã do dia 27.

Porém, pelas 10 ou 11 horas da noite dêsse mesmo dia falecia o pobre homem, sem que a operação se houvesse realizado, apesar de tudo para êsse fim se haver preparado, tendo antes de falecer vomitado fezes.

Completamente leigos em materia médica, parece-nos no entanto, pelo que ouvimos dizer, que, se a operação indicada se houvesse efectuado, poderia talvez o pobre homem ter escapado. Para lamentar é, pois, que casos como este sejam resolvidos com tamanha morosidade, pois, não só com isso periga a população enferma, mas mesmo o bom nome da Santa Casa.

Diz a «Patria» que o Custodio Rodrigues falecera em virtude de hemorragia interna. Mais uma vez declarando-nos completamente leigos em tal materia, atrevemo-nos no entanto a opinar, pelo que temos ouvido dizer, que ainda mesmo neste caso não era menor a urgência operatoria.

Domingos da Fonseca Soares, suas filhas, netas e genro Manoel Augusto da Silva Valente, agradecem muito reconhecidos a todas as pessoas que lhes expressaram o seu pezar pelo falecimento de sua esposa, mãe, avó e sogra Maria de Oliveira Soares Neves.

Arma caçadeira

Verde-se uma belga, calibre 16, estado nova. Nesta Redacção se diz.

AVIZ

Companhia Resseguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL ---1.000.000\$00 ESCUDOS

Autorizada pelo governo em portaria de 28 de Junho de 1918 e à exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Sede Social—Rua do Carmo, 69—2.º

LISBOA

Endereço telegrafico *VIZA-LISBOA*

Telefones: Expediente 3919—Administração 5001

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129

PORTO

Endereço telegrafico *PORTVIZA*

Telefone—776

DELEGAÇÃO EM HESPAÑHA—Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL, José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL, Americo Gomes da Costa—EM COIMBRA, Avenida Sá da Bandeira, 50—1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postaes, roubo, contra quebra de cristaes, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas

O Conselho de Administração

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silva

QUIOSQUE—TABACARIA

Praça da Republica

— OVAR —

◆ ANGELO GONZALEZ ◆

Sempre à venda charutos da Bahia, tabacos refrigerantes sameiro, rebuçados, tintas de escre-nacionais e estrangeiros. Papel para cartas, idem de ver e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de cor 25 a 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de para calçado, bolsas de borracha para tabaco e mui- escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, tos outros artigos.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

OVAR

Depositos à ordem, com o juro de 2 1/2 % e 3 1/2 %.

Depositos a prazo, com o juro de 3 1/2 %, 4 % e 4 1/2 %, respectivamente a tres, seis mezes e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, aos melhores premios.

Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.

Empréstimos caucionados, cambios, coupons e papeis de credito.

Ourivesaria

RELOJOARIA

— DE —

José Placido d'Oliveira Ramos

Sucessor de PLACIDO O. RAMOS

Oficina e especialidade em finissimos objectos d'ouro e um sortido completo em estojos de prata proprios para brindes

Compra ouro, prata e pedras preciosas

73—Rua Elias Garcia—75

OVAR

Atlántica



Companhia de Seguros

SOC'IDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social (Escudos) 500.000\$00

Capital realizado (Escudos) 150.000\$000

Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Sede: Lolos, 92---PORTO

Receita de 1914 (Esc.)...	36.988\$03,5	Sinistros pagos em 1914—	22.601\$41
» de 1915 » ...	71.197\$29,5	» » em 1915—	25.903\$15
» de 1916 » ...	537.897\$94,3	» » em 1916—	153.470\$90
» de 1917 » ...	3.139.404\$23	» » em 1917—	1.427.035\$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Egito. Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos. Seguros agriculas. Seguros contra quebra de cristaes. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourao | Directores
Jaime de Sousa | delegados

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os portes do mundo